

leite crioulo

Suplemento do
ESTADO DE MINAS
numero III

direcção de
João Dornas Filho,
Achilles Vivacqua
e Guilhermino Cesar

Pingente

Quero compreender e estou longe, a causa dessa alucinação que vejo dansando aí em volta de mim. O meu olhar se demora mesmo naquelas imagens mais longinhas que êle adivinha sem querer.

O homem gordo experimenta a lei da gravidade de cima do prédio solido e vai pra longe de quem lhe queria nas alegrias burguesas e nas distancias amargas do cada dia insatisfeito. Aquele homem não podia morrer. Ao menos pra deixar igual o fio das nossas cogitações risonhas. Mos é que a curiosidade mercantil andava já observando os lares quiétos na meia claridade das lampadas mingôadas (sem o desejo de um ambiente enopado de sonho vasto).

Ridículo meu estar perdendo simpatia com o infinito irremediavel. Mas então eu devo fugir agora mesmo tambem, pra não continuar vibrando o outro irremediavel que móra aqui dentro e vive em choque com os homens eruditos. Eles andam obscurecendo o essencial de tudo.

Entretanto eu torno a pegar adiante as ondas fugitivas e me embarco sorrindo da máquina de escrever, do papel conservador, das venturas esquecidas e das vertigens acabrunhantes.

E' melhor dar a intelligencia pro xadrez brincar com éla e o parceiro exibir a consciencia da força arregimentada pelos óculos prolongados, nas tardes bojudas de vitrolas e cansaços digestivos.

Porquê eu não compreenderei jamais a causa dessa alucinação que vejo dansando aí em volta de mim.

Guilhermino CESAR

Pedra menina

Pedra menina
ou!
Pedra morena
ou!
Vamo pra riça
ou!
Pra agradá sinhã
ou!
Pra agradá sinhô
ou!
Pedra menina
ou!...

E a essa cantiga embaladora os homens suarentos vão construindo, construindo.
Fonte BÔA

VERDE

Verde sahiu. Numero de evocação e de saudade de Ascanio Lopes.

Todos os seus amigos se uniram para deixar um rastro de luz por onde andaram os pés do poeta sacrificado.

Mas luz de fogo-fatuo, que é a saudade incandecente dos que morreram como o Ascanio.

Com feição material melhorada, mais arejada a disposição das materias e a capa, Verde não poderia aparecer melhor para fixar o nome do poeta que lhe deu muito da sua dedicação e da sua vida.

BRINQUEDO DE ARMAR

Rosario FUSCO
REALEJO

Todas as crianças, num momento, rodearam a esperança da família.

Zezinho, no meio da rua, gritava e gesticulava como um maluco, o sol batendo em cheio na cara dele.

— em ver, papai! Vem ver a nuvem, mamã!

Como naquelle instante passavam vagabundos, gente desocupada, tambem se chegaram ao montão de olhos de todas as cores que olhavam para cima, para o ceu, sem saber porquê, esperando o milagre.

Foi então que apareceu o sujeito de preto e mão no bolso que vivia se debatendo com uma musica tremenda tinindo na cabeça.

E foi esse um o primeiro (tambem o unico que — acima da realidade dos factos, poderia, calmamente, observar-ós) a sentenciar:

— Senhores meus: essa criança é um genio!

Depois de pronunciada a palavra profetica, as casas se afastaram, fugindo. O montão de gente (olhos) se desfez, num átimo. O mundo ficou deste tamanho duma casquinha atôa de ovo, oscilando.

E a musica tocou no realejo (cabeça) porque o terno preto cantava e dançava sosinho, debaixo da chuva que Deus dava.

De ZEZINHO E MARIQUINHA

COISAS CELEBRES

O doutor Manoel Victor levou a efeito no salão nobre da Universidade, a convite da Academia Mineira de Letras, uma profusa conferencia literaria sobre poetas fortes.

Fiquei intrigado com o que seria poeta forte. Com certesa poetas sru-daveis, gordos, bem instalados na vida. E o doutor Adhemar Tavares, honrado juiz de residuos de fazenda, logo me veio á lembrança. E Schmidt tambem. Seria mesmo?

Fui ver. Mas não era não. A coisa é diferente. Poeta forte é poeta impetuoso. (A meu lado tinha um cavalleiro que qualificou de caudaloso o Canhão do Luiz Carlos Ferroviario da Fonseca. Entusiasmo.)

O doutor Manoel Victor discorreu cerca de duas horas sobre a saude dos poetas. A Academia aplaudiu tropicalmente, sem academismo nenhum. As senhoras aplaudiram. E o doutor Rodolfo Jacob, que parece traser a Sorbone nos hombros, sacudiu a cabeleira byroniana de tenor aposentado e rugiu pulverisantemente: "está definitivamente morto o futurismo!"

O conferencista promete ser um apreciavel disedor de versos medidos.
J. D. F.

Offerecimento

Eu gosto de você
assim mesmo
meu bem;
te quero doentinha
assim mesmo
tossindo tossindo essa malvadeza de
[doença;
nós mataremos todos os microbios,
meu bem,
ainda os alcool-acido-resistentes
com essa gostosura de viver amando;
nós mataremos todos os microbios.
Nem precisa fazer o pneumothorax.
Ou então a gente se beijando
deixa a vida sem sentir.
Porém nós mataremos todos os mi-
[crobios
meu bem.

Francisco L. Martins Filho

SAMBA

Por Achilles Vivacqua.

Giram e regiram corpos pretos á luz
[das chamas
Longe.
Vozes murmurejantes, vozes rascantes
[rondam a preta
(arriba— arriba — seri — ganguê)

O cabinda bate
bate
bate
o caxambu' redondo que estronda e
[regonga tonto.
O ventre impinando todo
estica o umbigo um corpo
bumba!

Em volteios de serpentes
pouco
louco
bole bole bole
E se desconjunta
e se desengonça
e se desarticula
(cajueiro—cajuá)

Na sombra do largo onde faúlha são
estrellas.

O caxambu' redondo estuando sabumba a rola
re—tum—ban—te
(seri—ganguê)
longe, na sombra do largo...

miss lua

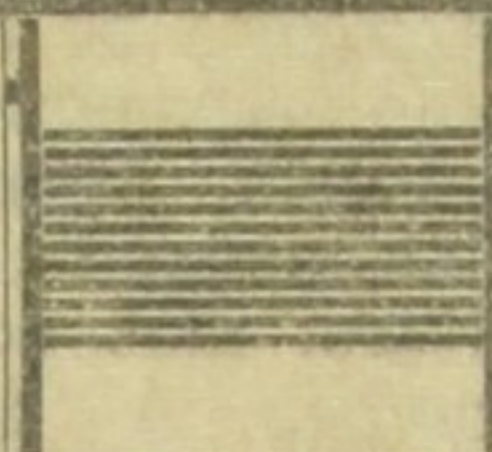
Está cahindo uma gorôa fina...
e miss lua está espiando lá no alto.
E' tal e qual uma moça bonita
espiando a gente por detrás de uma
[cortina.

miss lua
desceu o reposteiro de uma nuvem
e apanhou a lamparina de uma estrela
[la
para fazer propaganda da neurinase...
miss lua
está com geito de quem vae dormir...
chi...
miss lua vae ficar inteiramente nua.
CYRO VIEIRA DA CUNHA

23-6-29

leite crioulo

Suplemento do
ESTADO DE MINAS
numero III



direcção de
João Dornas Filho,
Achiles Vivacqua
e Guilhermino Cesar

Inédito dos

CANTOS MUNICIPAIS

para leite crioulo

A REFORMA DO CONTRA-TO DE LUZ ELÉTRICA

A Camara se reuniu em sessão noturna pra discutir a nova proposta da Companhia Força e Luz. Porém, teve que adiar a reunião porque faltou a luz.

TAGORIANO

Evem vindo o bicho cabeludo,
Dorme, Nenen, fecha os olhinho.
Gz.
Gz...
vá simbóra, tutu'.
Sai, fedorento.
—Pai, quando eu crecê,
você não me bota na escola não
(A noite ficou tão quieta
que eu tive medo
dela engolir o meu filhinho)

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIO S NO GRUPO ESCOLAR WENCESLAU BRAZ

Na distribuição de premios o Inspetor, representando o Secretario do Interior, ia chamando um a um os premiados.
E dava-lhes um abraço go-vernamental.
Eu reparei nos coitadinhos ram premiados dos garotinhos que não fo-e tive uma vontade doida de cuspir na cara do Inspetor.

15 de novembro
de 1889

s Tudo quieto. Nem uma vibração no ar. Na côrte tudo monotonia; o imperador bocejante, a césta. O Rio calmo como nunca.

De vez em vez um soldado... um alferes... Deodoro, adoentado, andando com as mãos nas paredes... Surge á sua porta (dêle) um cavalo russo, como o de Napoleão. Chamam-n'o.

Falam-n'o de que êle foi sortiado para, a cavalo, no Campo de Santana, gritar "Viva a Republica".

Desculpou-se o marechal, apélendo para a sua enxaqueca. Mas que! foram infrutíferas as desculpas medrosas. Chegaram-n'o até a dizer que Don Pedro tava sabendo e que recebia sorrindo e lisongeados o seu paçaporte.

Ai., animando-se, Deodoro, de barbas e cabellos crescidos (pois o coitado estivera doente), paçando a pena no bucefalo russo, foi devagarinho, decorando o grito que Benjamin Constant, numa tiritá vagabunda de papel, escreveu pra êle e mandou. Chegando ao campo de Santana encontrou, a macacada em fôrma só á sua espera, pra dar o tal grito revolucionador.

Deodoro contemplou as massas e lascou o verbo:

"Viva a Republica!" Desse dia em diante o Brazil passou a ser desrepublicanizado descabeladamente...

Mas viva o Brazil!

Edison MAGALHÃES

poema honesto

para leite crioulo

A rua fechou as janellas
Como si o homem passase nú,
A rua fechou as janellas,
Viva o Cruzeiro do Sul.

O homem passou apenas
Olhando para o ceo azul,
O homem passou apenas,
Viva o Cruzeiro do Sul.

O homem tomou o bonde,
Não tinha dinheiro não.
O homem tomou o bonde,
Viva o Cruzeiro do Sul.

Os passageiros se riram.
Homem que desejas tú?
Os passageiros se riram,
Viva o Cruzeiro do Sul.

Riram-se e o bonde se foi-se
Barulhento, besta e tiful.
Riram-se e o bonde se foi-se,
Viva o Cruzeiro do Sul.

Só o homem ficou parado
Olhando para o ceo azul.
Só o homem ficou parado,
Viva o Cruzeiro do Sul.

Homem não seja você trouxá,
Ainda olhar pro ceo azul.
Homem não seja você trouxá
Viva o Cruzeiro do Sul.

O homem sahio andando.
Andou, desandou, tresandou,
O homem sahio andando.
Viva o Cruzeiro do Sul.

Junho-1929.

João ALPHONSUS